

Uma filosofia do celular ou os avatares que este meio de comunicação está introduzindo em nossas vidas¹

por Tomás Vasquez Arrieta²

Entrevista com Maurizio Ferraris

No ano de 2005, o filósofo italiano Maurizio Ferraris, professor da Universidade de Turim, publicou Onde você está? Ontologia do celular, um livro inspirado no pensamento filosófico de Derrida. Nele faz uma sugestiva reflexão sobre o que representa o telefone celular na vida do homem contemporâneo, de como este aparelho, pouco a pouco e, o mais curioso, sem que nos déssemos conta, foi sendo introduzido em nosso cotidiano e – como acontece com as grandes revoluções silenciosas que ninguém jamais previu – começou a mudar nossos costumes e a transformar o tempo e o espaço no qual realizamos nossas atividades, entre elas, o trabalho, a educação, a política, a religião, a economia, logicamente as comunicações e todas aquelas práticas sociais diárias.

Sem dúvida, o celular se converteu não só num meio estratégico de comunicação e registro, como também em relógio, agenda, despertador, arquivo de mensagens e fotografias, minicomputador, entre outras utilidades. Neste sentido, é um fenômeno tecnológico e cultural, que começou a despertar o interesse acadêmico, particularmente entre os filósofos. Mas, se o conhecimento teórico não surge de uma simples curiosidade intelectual, e sim de circunstâncias e acontecimentos muito mais práticos, então, centrar a atenção neste aparelho significa, também, observar e pensar o que fazem

1 Publicada na revista *Pedagogia y Saberes*, nº 25, primeiro semestre de 2007. Facultad de Educación, Universidad Pedagógica Nacional, Bogotá, Colômbia.

2 Professor da Universidade Distrital Francisco José de Caldas.

as pessoas com ele e vice-versa. É aqui que ganha importância a reflexão sobre o celular no sentido de inovação tecnológica que está produzindo profundas mutações antropológicas no nosso modo de ser no mundo, isto é, de sentir, pensar e agir, tanto que estaríamos diante do que poderíamos denominar o homo cellularis.

É com essa perspectiva que podemos situar o trabalho do professor Ferraris que, em visita recente à Colômbia, aceitou dar esta entrevista, na qual nos falou sobre como a filosofia pode ajudar a compreender as transformações que o celular está introduzindo em nosso modo de vida. Sobre este ponto, Umberto Eco observou como “o filósofo pode começar pela reflexão de um verme para desenhar uma metafísica, mas talvez o aspecto mais interessante não seja que o celular permitiu a Ferraris desenvolver uma ontologia, mas que sua ontologia permitiu-lhe entender e fazer-nos entender o celular”³.

Tomás Vásquez. Professor Maurizio Ferraris, o senhor escreveu um livro sobre o telefone celular, na contramão da tradição acadêmica, que considera este tipo de coisas superficiais. Então, por que e qual é o interesse de um filósofo pelo celular?

Maurizio Ferraris. Nós nos interessamos pelo telefone celular – na Itália o chamamos de telefone móvel –, porque ele já faz parte constitutiva de nossas vidas, ele muda nossas vidas, sem dúvida. É historicamente como a escrita em Platão, quer dizer, algo que por sua importância na vida dos homens é objeto de uma reflexão e da qual se pode tratar filosoficamente. Como se sabe, há centenas de ensaios sobre o computador, mas poucos ensaios filosóficos sobre o celular. Parece-me que isto se deve ao fato de os filósofos acharem que o celular é uma coisa estúpida, sem valor. Enquanto com o computador se escrevem ensaios sérios, com o celular dizem-se coisas banais o tempo todo. Recordemos, entretanto, que também se podem escrever coisas estúpidas a respeito do computa-

3 Comentário de Umberto Eco sobre o livro de Maurizio Ferraris, *Onde você está? Ontologia do celular*, in *O Espectador*, 30/10/2005, p. 19A.

dor – e sobre isto temos muitas provas empíricas –, da mesma forma é possível dizer coisas interessantes sobre o celular. Mas a questão central não é o que se diz ou o que se escreve – porque também escrevemos sobre o celular. Além disso, há o fato de que o celular é um instrumento de comunicação e de registro que está sempre conosco, e esta é uma experiência que ocorre pela primeira vez na história da humanidade. Não existem outras experiências desse tipo. Não é que se diga, está claro, que a humanidade está se transformando unicamente com o celular, já que há todo um sistema de comunicação e de registro, a maior parte do qual escrito, e do qual o celular e a web fazem parte.

Agora estou em Bogotá e, cinco minutos antes de começar esta entrevista, estava fazendo meus trabalhos rotineiros de escritório, como se estivesse em Turim, o que é algo que não se podia imaginar, porque esta idéia da distância, da viagem, desaparece. Mas é verdade que, com o computador, e praticamente grátis, experimenta-se uma transformação da distância e isso também ocorre com o celular, posto que este aparelho tem mais ou menos as mesmas características neste sistema integrado.

Dirão que existe uma fórmula na qual parece normal que um filósofo escreva sobre o Papa. Mas, e por que não sobre o celular, que é, inclusive, mais interessante que o Papa? Na verdade, o que o Papa tem de interessante é que, entre outras coisas, é o primeiro da história do mundo a utilizar um celular? Seu predecessor não o utilizava, mas o atual sim. Todos viram as fotos.

Assim apresentam-se duas questões concretas: uma é o fato de que um instrumento, digamos, reina mais ou menos absoluto, porque por um lado é um instrumento de comunicação, mas, por outro, é também um instrumento de registro. Esta é a grande diferença em relação ao telefone fixo: o instrumento de registro também pode guardar imagens e músicas, é como um arquivo que pode se transformar em muitas coisas. Por exemplo, as pessoas que carregam um celular no bolso sentem que têm sempre uma câmera fotográfica consigo, coisa que antes não era comum, já que só os turistas a carregavam quando estavam a passeio. De fato, isto faz com que, quando se realiza uma execução, como a de Saddam Hussein, possa haver alguém que tire fotos inesperadas e depois não se sabe de onde elas saíram. É claro que com um telefone fixo nada disto

seria possível. Agora o contexto de escrita e de transmissão permanente que emerge com a web exige instrumentos de comunicação individual, de registro e de comunicação pública ao mesmo tempo. E é aqui que o celular ganha valor.

Hoje, é possível fazer reivindicações pela internet, e de fato todo mundo as faz, já que não existe uma situação, pelo menos na mídia, de conflito assimétrico. Por exemplo, apesar de inimigos, os Estados Unidos e a Al-Qaeda têm agora as mesmas forças midiáticas. Imaginemos esta situação não mais que dez anos antes, repito, não mais que dez anos antes. É importante que não se confunda este ponto: para mim, verdadeiramente, tanto Al-Qaeda como a administração Bush são perigosas e possuem tudo em assuntos de comunicações. Mas não é a questão política que nos interessa neste momento. O que pretendemos é destacar as possibilidades midiáticas entre, de um lado, a administração da nação mais poderosa do mundo e na qual foi inventado o sistema moderno da mídia e, de outro, talvez algumas pessoas dispersas no mundo também com um grande poder midiático. Esta é uma situação completamente nova que, na época do papel, não seria possível.

T.V. O celular está realmente mudando a nossa vida, e o senhor colocou alguns exemplos gerais. Vamos analisar agora casos concretos de nosso cotidiano.

M.F. Bem, podemos imaginar alguém que, há uns dez anos, sáísse de sua casa às oito da manhã. Este homem, ao sair de sua casa, deixava também seu telefone, porque ele era fixo. Fazia uma viagem de uma hora para chegar ao seu escritório ou de muitas horas por razões de trabalho; durante todo esse período, ele estava completamente desconectado de tudo no mundo, e isso parecia muito natural. Hoje, se esse mesmo homem sair de sua casa sem celular, vai ter a sensação de estar isolado, de ser um homem mudo, sem uma das coisas que representa para ele a segurança ontológica, talvez a mais importante do mundo atual: o celular.

Quando alguém quer falar com uma pessoa, com Luís, por exemplo, na verdade, somente com Luís e com ninguém mais, o celular torna isso possível, além de ser a norma. Quando alguém atende o celular,

supõe-se que esta seja a pessoa procurada. Com o telefone fixo isso não é possível ou, pelo menos, não é a regra. No celular atende outra pessoa, normalmente, quando o aparelho foi roubado ou quando seu proprietário morreu; somente assim são criadas essas situações desagradáveis. Há poucos anos, foi veiculada uma propaganda na França, sobre as frases ditas no celular e o custo de cada uma delas: “Onde você está? Atrás de você”, custam dois centavos. E, pelo preço de cinco centavos, lia-se esta outra: “É você, meu amor? Não, sou o seu marido”. Todos esses exemplos são muito simples, mas muito importantes.

Agora estou aqui e com um celular no bolso que me deixa totalmente conectado com o resto do mundo e se, por exemplo, há problemas na Colômbia e é difícil ligar para a Itália ou o custo é muito alto, posso, também pelo celular, enviar e receber mensagens escritas. Realmente, isso não era possível há dez anos. Insisto em dez anos porque, na Itália, a difusão do celular se deu há cinco ou sete anos, não mais. Antes a possibilidade de ser informado em qualquer lugar do mundo e em qualquer momento era para um rei ou um presidente, não para um cidadão comum, privado desse instrumento.

Não se esqueça de que o primeiro celular era muito grande. Sempre lembramos do presidente dos Estados Unidos pronto para ordenar as ações da guerra atômica. Assim, nas fotos publicadas pelos jornais, víamos o presidente com uma maleta na qual guardava com cuidado o celular que, de fato, tinha funções muito precisas. Mas este presidente também tinha outro telefone para falar com o presidente da Rússia. Lembre-se de que a qualquer momento o presidente dos Estados Unidos podia ligar para o presidente da Rússia para falar alguma coisa. Agora, o presidente dos Estados Unidos também pode ligar para o presidente da Rússia, mas com os meios normais que estão à disposição de todos os cidadãos russos e americanos, sempre e em qualquer momento, porque antes o telefone fixo determinava que só os presidentes pudessem comunicar-se a qualquer momento. Com os telefones fixos, se você se mudar, o seu número deixa de valer e você tem que solicitar outro.

São transformações imensas e imperceptíveis, porque o celular se torna facilmente invisível e, como o dinheiro, é óbvio que você só des-

cobre o seu poder e a sua importância quando lhe faz falta. Uma vez, meu celular estava descarregado e precisava falar com uma pessoa com a qual tinha um encontro, pois agora é comum que todo o mundo dê as coordenadas exatas de onde está. Então, tentei ligar de um telefone público, mas na Itália praticamente, e infelizmente, eles quase já não existem. Não sei como são na Colômbia os celulares públicos, mas eu os vi – e é uma peculiaridade colombiana, eu acho – por exemplo, a maravilha de um celular fixo! Um celular imóvel! Isso é uma novidade, é algo assim como os livros nas bibliotecas monásticas que estavam presos. Em uma praia de Cartagena, também vi um homem passando com as mãos cheias de celulares e oferecendo-os aos turistas, dizendo: “celulares, celulares”. Realmente são cenas preciosas. Na Itália, já não existem mais telefones públicos fixos, mas também não há celulares ambulantes e públicos, porque agora se supõe que todo mundo tenha seu próprio celular. O que fazer? Porque de fato já precisei do celular de desconhecidos: “Você pode me emprestar o seu celular? Dez euros, vinte euros, se você me emprestar seu celular um momentinho para uma ligação”, e todos me respondiam dizendo que não tinham celular. Mentiam porque tinham medo, já que, se eu pedisse emprestado algum celular, poderia desaparecer com ele; e perder o celular é sempre uma catástrofe, porque dentro dele, primeiro, as pessoas têm dinheiro, como em uma carteira; segundo, têm memória, têm dados como as senhas das contas bancárias; ou seja, as pessoas têm ali muitas coisas importantes, até um arquivo de fotos com cenas familiares para mostrar às outras. Portanto, perder um telefone fixo não tem este mesmo sentido, a idéia de que estou roubando algumas informações se pego o telefone emprestado é sem sentido, claro. (Move-se na poltrona e faz um gesto de pegar o telefone fixo do hall do hotel em que nos encontramos. Risos.)

T.V. Aqui surge o tema espinhoso das identidades, recorrente hoje na filosofia e, em geral, nas ciências sociais. Como o celular afeta nossas identidades?

M.F. Para mim, o celular sempre faz parte de um complexo muito mais amplo que inclui o computador e a internet. Trata-se de um complexo

mais da escrita que da oralidade. Digo escrita, porque esta prática também pode ser desenvolvida com o celular. Existem muitas patologias estudadas por psicólogos sobre pessoas obcecadas pela web, que passam toda a sua vida na internet. Estas manias existem, mas, segundo meu modo de ver, são as manias do mal intencionado, que sabe que é mal intencionado. No entanto, mais grave é a mania de uma pessoa normal que acredita não ser mal intencionada e é, ou seja, mania de todos nós, porque sempre respondemos aos e-mails e sempre respondemos aos recados deixados no telefone. Esta disponibilidade total para ligar e atender; o fato de que antes podíamos deixar passar um tempo antes de responder e agora não o fazemos não é sinal de boa educação, e o resultado é que passamos a maior parte de nossa vida respondendo a mensagens que são, em sua maioria, completamente inúteis. Entretanto, isso nos faz sentir que estamos sempre conectados. Imaginar-se sempre conectado e de repente ver-se desconectado é uma mudança completa de existência, é uma catástrofe existencial: “ninguém gosta de mim, todos me esqueceram”.

Durante minha estada em Cartagena, sempre me senti conectado, consegui fazer coisas muito pitorescas pelo benefício *dos olhos locais*: estava localizado no Parque de Bolívar, muito central, onde há um bom *wireless* de um escritório próximo. Ali me conectava gratuitamente e com meu *mouse*, que é um telefone também, liguei para minha casa na Itália, quer dizer, conexão total a um custo quase zero. Mas a gente imagina quando a vida se constrói sobre a base de uma conexão total: o que fazer caso esta conexão falhe, seja cortada ou caia? O que é bastante comum que aconteça, por exemplo, é o fato de que não exista *wireless* ou que você não tenha o pequeno adaptador da empresa que só está disponível na Europa. Esses dois centímetros de plástico e de ferro é o que faz a diferença entre estar completamente desconectado ou completamente conectado. Como se vê não existe uma via intermediária.

Imaginemos outra vez como eram as coisas nos tempos do papel. Eram totalmente diferentes, claro: com um olhar retrospectivo, no tempo do papel incluo também o tempo do telefone fixo; eram tempos mais longos, porque o tempo do telefone fixo é o tempo do papel no sentido de que ambos têm uma mesma localização; você escreve em um papel,

o envia e ele chega a um lugar; você liga para alguém no telefone fixo e também tem uma localização. O correio eletrônico e o celular não têm uma localização e esta é a grande diferença.

T.V. Poderíamos dizer, ontologicamente, que há uma nova condição das coordenadas fundamentais do ser espaço-temporal, ou seja, que o celular está mudando nossa percepção do espaço e do tempo? Como se poderia explicar este fenômeno?

M.F. Sim. Na verdade, há uma transformação completa do espaço e do tempo, isto é, o espaço não é como na teoria da relatividade, porque sabemos que ela discorre sobre dimensões enormes que não interessam para o tema que estamos tratando.

Assim é o espaço-tempo ecológico de nosso habitat que muda. Ao mesmo tempo tudo é infinitamente mais próximo. Também está presente a idéia de que o tempo universal que antes existia já não existe, porque agora há uma possibilidade de registro. É verdade que existiam instrumentos como a televisão, instrumentos clássicos e sincronizados, que enviavam uma mensagem e esta chegava a todo mundo ao mesmo tempo, isto é, quando a Copa do Mundo foi na Argentina, os italianos não trabalhavam de noite porque queriam ver os jogos. Acredito que também acontecia o contrário quando a Copa do Mundo foi na Europa. Agora ocorre a mesma coisa com o celular, você liga para alguém e esta pessoa atende no mesmo instante. Com o sistema de mensagens escritas, e-mails, TV a cabo, internet, esta sincronia não existe.

Vivi uma experiência muito particular quando passei um outono em Nova York. Enquanto assistia ao noticiário italiano das oito da noite, via-o do ponto de vista das minhas oito da noite, mas que correspondiam às duas da manhã na Itália. Tudo isso não significava nenhuma diferença. Acredito que sempre que se envia uma mensagem, esta pode ser lida sete ou oito horas depois, mas isso no sentido de uma extrema individualização do espaço e do tempo. Porém, em outro sentido, tem a ver com o fato de que a globalização se baseia na possibilidade da comunicação assíncrona. Se tivéssemos somente cartas e telefones fixos, a globalização, tal como a vivemos hoje, não seria possível.

Na realidade, do ponto de vista ecológico, seria possível dizer que sim, há uma mundialização, por assim dizer, dos espíritos, dos sujeitos que não se sentem distantes quando conseguem se comunicar facilmente, de e com qualquer lugar em um tempo muito breve. Este é um fato impressionante que abre as possibilidades, pela primeira vez na história, a uma “universalidade empírica”.

Se me permite uma lembrança de algo muito pessoal que me aconteceu em 1990, que na verdade agora parece ter ocorrido há muitos séculos simplesmente pelo modo como se vivia naquela época. Fui por um período professor em Colorado, Estados Unidos. Como se sabe, entre Europa e Estados Unidos há oito horas de diferença. Era impossível que um escritório da cidade de Denver se comunicasse diretamente com um escritório da Itália porque, quando as pessoas de Denver chegavam ao trabalho, as da Itália estavam saindo, e vice-versa. Abria-se, pois, uma janela muito pequena para as pessoas se falarem, e a única maneira para superar este problema era enviar fax, isto é, através da escrita, que num sentido – como as pirâmides – é a mais velha que existe, mas ela está na mais moderna, isto é, no correio eletrônico, e assim as pirâmides eram e continuam sendo nosso porvir.

Uma vez que fui a Santa Fé, no Novo México, percebi os sinais de presença da América Latina que agora são bem-vindos. Em Santa Fé, um lugar moderno e primitivo – assim como o esplendor de Cartagena, digamos –, quando no restaurante tive em minhas mãos a carta de vinhos, surpreendeu-me um vinho italiano produzido em Piemonte, perto de minha cidade. Senti uma espécie de comoção e então pedi este vinho, para dizer, “este objeto, sem abuso e sem contexto, chega até aqui, até este lugar histórico de índios e de conquistadores”. Como se faz toda esta história? Assim, enquanto o esperava, estava lendo o jornal de Turim, tranqüilamente, como se estivesse em minha casa; eu lia o que as pessoas me escreviam sobre questões banais e notei que estava muito mais longe da minha casa do que naquela vez em Santa Fé e que pareço um viajante, muito mais que Pizarro, e agora estou em Bogotá, e tudo parece uma empresa heróica como a de Jiménez de Quesada.

T.V. Quando se fala das tecnologias modernas sempre se ressaltam as coisas novas e as que parecem novidades. Na verdade, o que o celular tem de novo? Ele está introduzindo coisas genuinamente novas ou está dinamizando o que já estava estabelecido em termos de perspectivas e de ilusões no homem?

M.F. A verdade está na segunda parte de sua questão. Quando éramos crianças nos diziam que o futuro seria feito de mísseis, de rotas espaciais, viagens à Lua e de pílulas que substituiriam a comida. É claro que nada disso aconteceu e ocorreram coisas que ninguém havia previsto, por exemplo, que uma máquina de escrever e um telefone, juntos, transformassem completamente a vida das pessoas, provocando um tipo de revolução silenciosa. Do mesmo modo, nenhum programa anunciado de desenvolvimento econômico, de revolução política ou outro qualquer teria se realizado plenamente ainda que fosse previamente anunciado.

Nos dias em que permaneci na cidade de Cartagena conheci, perto do hotel, uma livraria-café maravilhosa. Na verdade, trata-se de uma livraria muito charmosa, localizada no setor das muralhas. Eu ia sempre trabalhar nesse lugar porque meu quarto no hotel era muito pequeno. Ali me deixavam trabalhar, foram muito gentis comigo naqueles dias. Poderíamos dizer que agora viajar e trabalhar são a mesma coisa, já não se pode dizer “agora viajo e depois trabalho”. Sempre levo comigo o meu arquivo completo e é exatamente como estar na minha cidade, na minha casa. Eu me dizia: “Esta livraria não tem nenhuma diferença de uma da Itália ou dos Estados Unidos, é uma livraria muito boa”. Eu acredito que, dez anos antes – sempre esta data –, haveria algumas diferenças. Primeiro, eu não teria ido a essa livraria porque não haveria conexão eletrônica, que era o motivo primeiro de eu estar ali. Segundo, acredito que existiriam algumas variantes regionais de usos, costumes, maneiras de ser, que agora, claro, não existem. Mas há dez anos já havia o telefone, havia o avião e outros meios de transporte. Realmente, o que faz a diferença então? A resposta é clara: o fato de estar conectado.

T.V. Outra coisa que chama muito a atenção é o que o celular provoca na relação entre o público e o privado. Como o celular leva a vida privada para o espaço do público? Qual é o seu ponto de vista?

M.F. Podemos chamar isso de *a queda da vergonha*, porque, na verdade, a pessoa que fala ao celular se transforma em um fenômeno interessante que não pode ser analisado somente em termos moralistas, ainda que um pouco de moral e de boa educação é sempre bem-vinda. Mas o fato de a pessoa criar o seu próprio espaço imaginário, o espaço de sua relação com o interlocutor do outro lado, e não pensar no espaço físico em que se encontra ao falar com seu interlocutor, é como se este estivesse presente aqui; ela gesticula como se fosse um louco pelo fato de que fala sozinha, consigo mesmo. Agora, com os celulares, com fone de ouvido, fica a dúvida se a pessoa é louca ou se está com o fone. Pelos celulares, as pessoas dizem coisas muito íntimas, como as brigas de casais; por exemplo, uma mulher que dizia: “Você está me perdendo”, e eu me perguntava: “Se ele perdê-la, não acho que seja uma perda terrível”. Pode-se dizer que com o celular o privado se faz público de modo exagerado, a privacidade é tirada de dentro de casa e levada para a rua, para o trabalho e para muitos outros lugares. Eu, que também participo deste debate, notei que não são apenas questões sentimentais, mas também de negócios, de escândalos políticos e eucarísticos, muitos dos quais são provocados pelos celulares, enquanto as pessoas continuam falando ao celular como se não fosse a coisa mais “interceptável” do mundo.

Na Itália, durante o verão, quando os jornalistas estão de férias, os jornais publicam conversas interceptadas pela polícia nas quais se dizem coisas de políticos do mais alto escalão, dos grandes industriais, as coisas menos censuradas do mundo, tranqüilamente e sem refletir, diante de todo mundo. Lembro-me, vinte anos atrás, do tempo em que os acadêmicos diziam: “Não tratemos destes assuntos por telefone”, como se o telefone não fosse bastante seguro. Imaginemos agora quanta gente poderia ser interceptada por questões acadêmicas que não têm nenhuma importância. Por que agora se diz tudo pelo celular, sem problemas nem reservas? Acredito que é uma ilusão transcendental dizer que não existe distância, que estamos conversando diretamente cara a cara com o outro.

T.V. Seria algo como aquilo que já apontou Hegel e mais adiante Weber como uma característica da modernidade, isto é, a abstração do mundo das relações sociais?

M.F. Sim, claro, é uma abstração. A forma dessa abstração sempre foi estudada. Por exemplo, se consideramos o que disse Hegel sobre o mundo moderno como abstração, perguntamo-nos o que isso significa. Observemos duas pessoas que passeiam pela rua: em determinado momento o celular de uma delas toca e ela começa a falar; em seguida, toca o celular da outra, que também começa a falar. Bem, isso é a abstração do mundo moderno, é simplesmente isso.

T.V. Escutei o senhor dizer que o celular é cada vez menos usado para falar e mais para escrever. Parece que na Colômbia, e em particular na região da Costa Caribe, uma cultura fortemente oral, isso não acontece. Até poderíamos dizer que o celular exacerba essa oralidade. Talvez isso explique a preocupação das companhias de telefonia móvel de promover campanhas com a idéia de que o celular não serve só para falar, mas também para escrever, para registrar. Como é isso na Europa?

M.F. Bom, esta situação na Europa foi uma surpresa para as próprias companhias, pois elas imaginavam, no início de 1992, que as mensagens escritas seriam basicamente usadas para serviços, como quando a própria empresa manda uma mensagem para você. Não pensaram que ocorreria um modo de expressão de duas coisas que acontecem hoje: uma são as mensagens íntimas, digamos, como as cartas de amor escritas agora com o celular, os jovens estão sempre trocando mensagens, é um modo de superar a timidez também, porque escrever é mais fácil que falar, por exemplo; é um sentido menos determinado, que permite alusões, enquanto, quando você está falando, o outro pode lhe perguntar em que sentido você está dizendo; em compensação, se você escreve, é outra coisa. Primeiro modo.

Segundo modo, as mensagens têm um interlocutor certo. Seguramente, o interlocutor, mesmo que esteja em uma reunião, pode ler a mensagem e esta é, por assim dizer, apodíctica, com 64 letras suficientes

para dizer o essencial, mas, como sempre, há problemas com a redundância, podem aparecer montanhas de papel que chegam com a mensagem urgente. É possível também fazer outras coisas, como comprar a passagem de trem pela internet. Estes não são fatos de comunicação, mas de puro registro. As empresas, é claro, estão muito contentes com tudo isso, os MSNs custam ao usuário muito menos que uma ligação, isso explica por que são os adolescentes os que mais utilizam esta ferramenta de modo desenfreado. Alguns escrevem – casos quase patológicos – até 500 ou 600 mensagens diárias e experimentam obsessões, como as de trocar as felicitações de Natal ou coisas deste tipo. Você faz a lista de todas as pessoas para quem você envia estas mensagens que, mais do que felicitações, são uma perseguição que custa muito pouco e que pressiona o outro a respondê-las individualmente; enquanto o outro tipo de envio coletivo, a 500 pessoas, digamos, custa muito pouco ao usuário, mas permite à companhia ganhar dez vezes mais que com uma ligação normal. Este é o motivo e a preocupação para que na Colômbia também se procure sensibilizar o usuário sobre a possibilidade de escrita através do celular.

T.V. Na área acadêmica, como a internet e o celular estão afetando as atividades na universidade, por exemplo, a pesquisa?

M.F. Antes os professores diziam: “tenho que ler estes textos e, portanto, tenho que passar trinta dias em Paris”. Agora isso não faz mais sentido, porque você pode encontrar os mesmos textos por meio do computador, e isso muda tudo. Praticamente todas as bibliotecas estão online. Isto é uma mudança total. Uma vez, eu estava em Nápoles e precisava de um livro muito raro, telefonei para meus colaboradores em Turim, eles pegaram o livro, escanearam – porque era uma verdadeira fotografia do livro – e me enviaram em uma hora, quer dizer, o tempo necessário para me deslocar até Turim e pegá-lo lá. Por que deixar minha casa e ir à universidade pegar o livro? Além disso, eu o teria para sempre, não precisava devolvê-lo à biblioteca. Esta é uma diferença imensa que muda os valores. Com respeito a isso, é possível dizer que a erudição foi um

valor como tal, agora já não é mais. Por quê? Porque podemos encontrar na internet muitas coisas curiosas, sem valor, banais, coisas que você pergunta ao Google e obtém imediatamente a resposta que alguma vez esteve na cabeça de um erudito, e isso está perfeito em um sentido, não só do ponto de vista prático, porque recorro que uma das coisas mais difíceis de um trabalho acadêmico eram as notas, quando era necessário ter o nome do tradutor, a catástrofe do nome do tradutor, dias e dias na biblioteca para encontrar o nome dos tradutores. Agora num minuto você consegue tudo isso. Acredito que as pessoas, pelo menos aquelas que têm maior responsabilidade, se concentram em coisas mais importantes que a erudição. Antes se anunciavam os trabalhos com a bibliografia completa, hoje não tem o menor sentido dizer que “este é um trabalho com a bibliografia completa”. E tudo isso se deve ao fato de que a circulação da informação acadêmica também se vê afetada pela globalização e pela tecnologia.

T.V. O senhor está de acordo quando dizemos que há mudanças no modo como se produz, circula e se apropria do conhecimento hoje? Estamos diante de uma revolução cultural?

M.F. Creio que sim. Acredito que ser cultivado é ser ignorante, tem algo de meta-histórico, mas a maneira como se é ignorante ou cultivado hoje é muito diferente da maneira de há dez anos. Com isso, quero dizer que a revolução cultural não é a utopia em que todos estaríamos cultivados, seríamos inteligentes, como se dizia no princípio nos discursos dos pós-modernos, quando Lyotard escreveu seus livros⁴, que seria como falar com o computador, todos convertidos e todos contentes. Claro que não, sempre vão existir os estúpidos e os inteligentes, os cultos e os incultos, mas é uma cultura, e não uma incultura diferente.

Antes eu dizia que a globalização afeta também o mundo acadêmico porque na época em que eu era estudante, nos anos 1970, o mérito dos filósofos de meu país consistia em introduzir na Itália um filósofo ale-

⁴ Ferraris faz referência concretamente a *A condição pós-moderna* e *A pós-modernidade ao alcance das crianças*.

mão ou americano. Isso não faz nenhum sentido para os jovens de hoje. É muito mais claro quando falo com estudantes colombianos, não vejo diferença entre os estudantes americanos ou italianos; na verdade, não há diferença de valores, nas coisas, tudo parece um pouco homogêneo. E acredito que isso não se deva ao Espírito Santo, e sim à internet.

T.V. A propósito do espírito, o celular poderia ser pensado como o espírito absoluto heliaco? O senhor poderia explicar a síntese hegeliana que se tece hoje com base no celular, sobre a relação oralidade-escrita-imagem?

M.F. Sim. É uma história muito dialética, se pensarmos no que se dizia do futuro da escrita nos anos 1950, quando se acreditava que ela iria desaparecer e que só restariam a televisão, o cinema, o rádio e o telefone. Isso estava incluído no que dizia McLuhan naquele momento. O que aconteceu no final dos anos 1970 e início dos 1980 foi exatamente o contrário, isto é, o que se deu foi uma inflação da escrita. Com o surgimento do computador, da web e da internet, a escrita sofreu uma transformação que ninguém havia anunciado antes e tampouco previsto, exceto Jacques Derrida em seu livro *Da gramatologia*⁵. Nele, chegou a sugerir o fim do livro e a expansão da escrita. Creio que isso é o que vemos hoje, é o que vemos com nossos olhos: menos papel e mais escrita. As pessoas escrevem o tempo todo no computador e no celular. Nesta evolução hegeliana, vinte anos depois do computador, apareceu o celular que é a síntese da voz, a imagem e a escrita, uma espécie de *espírito absoluto* hegeliano, em que a tese seriam os meios audiovisuais (o cinema, o rádio, a televisão); a antítese, a escrita (o livro), sobretudo. Do anterior provém a síntese materializada no celular que envolve o velho e o novo, revelando outras formas e outras condições espaço-temporais de oralidade, imagem e escrita. Aí está, portanto, essa maravilha que encerra um ar de mistério e convida a uma indagação filosófica.

5 O capítulo primeiro do livro de Derrida se chama "O fim do livro e o começo da escrita". Primeira edição em espanhol de Siglo XXI Editores, México, 1971. Segundo Ferraris, foi graças a uma conversa com Derrida que surgiu a idéia do celular como tema filosófico.

T.V. A propósito, e para terminar falando de outro filósofo italiano, Umberto Eco⁶ disse que a análise que o senhor faz em seu livro sobre o celular oscila entre as possibilidades que este abre e as restrições a que somos submetidos. Quais seriam estas restrições?

M.F. Para mim, é indispensável que de toda invenção tecnológica se possa falar sempre das promessas que ela permite e das restrições que ela gera, porque da roda também é possível falar das restrições e promessas da roda, do papel, do fogo, do porrete, de todas estas coisas. É bom poder matar com um porrete, alguém poderia dizer, mas é um defeito que alguém possa matá-lo com um. O que precisa ser dito das restrições do celular é o fato de que – sempre nos fatídicos dez anos antes –, se eu tivesse feito uma viagem à Colômbia ou ao México como agora, teria quase esquecido minha rotina de trabalho na universidade, da vida cotidiana, dos amigos e, provavelmente, eu teria submergido em um mundo que, realmente, seria muito diferente do de hoje. Teria me transformado, no meu caso, em um homem em parte diferente. Agora é claro que não, que está presente a obsessão de querer ser sempre o mesmo, o que confirma que você é esse e não outro. Hoje me pergunto: como Gilles Deleuze poderia dizer que na modernidade estava a esquizofrenia, a esquizo-análise, as múltiplas identidades ou coisas parecidas? Se realmente há algo que, como o pós-moderno, sempre diz a você que você é isso, você não será outra coisa. Esta seria a castração do celular.

6 Referimo-nos a dois artigos de Eco publicados no jornal colombiano *El Espectador*, de 23 e 30 de outubro de 2005: “O celular outra vez” e “O telefone móvel e a verdade”, respectivamente.